

Telecurso ganha a versão ano 2000

Num país onde o quadro é negro — são 28 milhões de analfabetos e semi-analfabetos — a teleducação ajuda a escrever uma nova história para milhares de brasileiros como o pernambucano João Gomes da Silva. Graças ao Telecurso Segundo Grau, criado em 1977 pela Fundação Roberto Marinho, ele, que trabalhava como taxista, hoje tem curso universitário.

De Pernambuco a São Paulo, os resultados são dignos de boa nota. Associada à Fundação Roberto Marinho desde 1985 num programa de ensino supletivo via teleducação, a Fundação Bradesco — única entidade do país autorizada a conceder diplomas oficiais para cursos de teleducação — conseguiu aprovar ano passado 83,3% de seus alunos nos exames supletivos de São Paulo. Para 1995, investe no ensino para 18.900 pessoas.

Este ano o programa ganhou nova versão: o Telecurso 2000 — Educação para o Brasil do Próximo Milênio. Juntos, o sistema Fiesp e a Fundação Roberto Marinho se dedicam a um projeto para 33 milhões de pessoas excluídas do sistema escolar convencional. Voltado para trabalhadores entre 15 e 30 anos, o Telecurso 2000 usa recursos de animação, computação e cenas cotidianas. São mais de 200 profissionais, entre educadores, sociólogos e roteiristas, dedicados à elaboração das 1.140 aulas — 360 do Primeiro Grau, 420 do Segundo Grau e 360 profissionalizantes — encenadas por 16 atores, entre eles Zezé Motta.

As aulas podem ser assistidas pela televisão — são exibidas pela Rede Globo e pelas TVs Educativas — ou com a instalação de tele-salas em empresas, sindicatos e igrejas. O material didático é vendido em bancas de jornais. No ar desde janeiro, mas só para o ensino de Primeiro Grau, o Telecurso 2000 traz outra novidade: começam amanhã as aulas do Segundo Grau. Mais uma chance para reescrever outras milhares de histórias.